

Introdução

Goa é um caso especial da colonização portuguesa. A presença portuguesa de 451 anos contribuiu para aquilo que Gilberto Freyre chamou o “milagre sociológico” (1) que é Goa.

Segundo este famoso sociólogo brasileiro, a expansão portuguesa por terras da África, Ásia e América criou, no seu esteio, uma civilização com feições típicas, para caracterizar a qual ele cunhou o termo *luso-tropical* (2) Biossocialmente considerada, a civilização luso-tropical é definida por Freire como “uma cultura e uma ordem social comuns, à qual concorrem, pela interpenetração e acomodando-se a umas tantas uniformidades de comportamento do Europeu e do descendente e do continuado do Europeu nos trópicos -- uniformidades fixadas pela experiência ou pela experimentação lusitana — homens e grupos de origens étnicas e de procedências culturais diversas.” (3)

Comparando a expansão portuguesa às outras, Freyre diz que, enquanto o colonizador de origem anglo-saxónica era animado “pelo desejo de unificação económica do mundo em torno do sistema económico europeu”, o português especializou-se em “transacções especificamente culturais”(4). A expansão portuguesa nos trópicos foi “menos etnocêntrica... que cristocêntrica, isto é, de povo que se considera sociologicamente mais cristão do que europeu ou boreal...”(5).

1 Freyre, Gilberto, *O Luso e o Trópico*. Lisboa 1961, citado por Devi-Seabra, *A Literatura Indo - Portuguesa*. Lisboa 1971, pag. 16.

2 Freyre, Gilberto, *Aventura e Rotina*. Coleção Livros do Brasil, Lisboa, pag. 267.

3 Freyre, Gilberto “Integração Portuguesa nos Trópicos” em *Estudos de Ciências Políticas e Sociais VI*, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, pag. 37.

4 *Ibidem*

5 *Ibidem*

Um outro aspecto da acção colonizadora dos Portugueses nos trópicos foi o seu “empenho de se fixarem nessas áreas como em terras dignas do seu interesse e amor e não apenas do seu interesse económico.” (6)

A literatura indo-portuguesa que floresceu nos séculos XIX e XX — e o mesmo se poderia dizer da música, do traje, da cozinha, e de outros aspectos da vida sob os quais se ajuíza uma cultura ou sub-cultura — é uma das coordenadas dessa civilização luso-tropical nas terras da Índia (7).

Escritores goeses e não goeses têm procurado estudar sistematicamente a história desta literatura. Em 1878 Gerson da Cunha apresentou ao Congresso Orientalista Internacional na Itália, uma *Memória sobre a Literatura Portuguesa em Goa* que, parece que nunca chegou a ser publicada (8).

Após esta primeira tentativa, três monografias destacam-se neste campo. Referimo-nos à *Literatura Indo-Portuguesa, Figuras e Factos*, (Bombaim, 1926), por Vicente de Bragança Cunha, *Esboço da História da Literatura Indo-Portuguesa*, (Goa, 1963), por Filinto Cristo Dias e *A Literatura Indo-Portuguesa* (Lisboa, 1971), por Vimala Devi e Manuel de Seabra.

Como histórias literárias estes estudos apresentam, em ordem cronológica do seu aparecimento, autores etnicamente goeses que, tendo dominado o idioma português, se exprimiram nesta língua e publicaram obras. As três monografias apre-

6 *Ibidem*

7 “By ‘culture’, then, I mean first of all what the anthropologists mean: the way of life of a particular people living together in one place. That culture is made visible in their arts, in their social system, in their habits and customs, in their religion. But these things added together do not constitute the culture, though we often speak for convenience as if they did. These things are simply the parts into which a culture can be anatomised, as a human body can. But just as a man is something more than an assemblage of the various constituent parts of his body, so a culture is more than the assemblage of its arts, customs and religious beliefs. These things all act upon each other, and fully to understand one you have to understand all” (T. S. Eliot, *Notes towards the Definition of Culture*, Faber editions, London 1962, pag. 120.)

Convém realçar que, neste seu livro, T. S. Eliot não faz distinção entre *civilização e cultura*: “Its [the word *culture*] part is of course doubled by the word *civilization*... I have made no attempt in this essay to determine the frontier between the meanings of these two words”. (pag. 13).

8 Devi, Vimala - Seabra, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa*. Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa 1971, pag. 248.

sentam também autores europeus e descendentes de europeus que, de qualquer maneira relacionados com Goa, deixaram obras sobre variados assuntos referentes à Índia e, muito particularmente, a Goa. Os títulos das obras produzidas são citados com pequenas notas críticas sobre os seus autores ou sobre as suas obras.

Sem dúvida, estes estudos são companheiros indispensáveis e instrumentos de grande utilidade para quem procure conhecer sistematicamente o que os autores indo-portugueses têm produzido. Todavia, até hoje, não tem aparecido nenhum estudo que, procurando analisar ao fundo as obras da literatura indo-portuguesa, nos diga algo sobre que assuntos ou temas versam essas obras.

O presente estudo é uma modesta contribuição nesta área de investigação. Procurámos estudar os temas das obras mais significativas, analisando o enquadramento da realidade histórico-social subjacente.

Definição e âmbito

Para os efeitos metodológicos, i. e., para delimitarmos o âmbito do nosso trabalho definimos da seguinte maneira os termos da nossa pesquisa:

A palavra *literatura* é tomada no seu sentido mais restrito, como significando literatura criativa ou imaginativa. Uma definição ou descrição simples da expressão *literatura imaginativa* é que ela é composta de poemas, dramas, contos, novelas e romances. Biografias ou autobiografias, obras de historiografia, de viagens ou de aventura, tratados filosóficos, ensaios sobre temas sociais, religiosos, políticos ou mesmo literários são, muitas vezes, chamados literatura, em razão de uma certa *estatura* ou valor permanente que se lhes atribui e que lhes advém da sua importância intrínseca ou do interesse do assunto versado e da arte ou mestria com que o assunto é tratado pelo autor. Qualquer que seja o poder da imaginação, incidentalmente nelas revelado pelo autor, tais obras não são incluídas, por uma praxe literária, naquilo que se classifica como literatura imaginativa (9).

9 Mayhead, Robin, *Understanding Literature*, Cambridge Univ. Press, 1965, pag. 10.

Para dar uma definição lata e, ao mesmo tempo, precisa da expressão literatura criativa ou imaginativa, importa pôr ênfase sobre dois pontos: literatura imaginativa ou criativa, digna deste nome, é composta somente dessas obras que, em primeiro lugar, em virtude do seu assunto e da maneira de tratamento desse assunto são de interesse humano geral. Em segundo lugar, nelas o elemento de forma e o prazer ou satisfação estética que a forma dá, devem ser considerados como essenciais (10)

Verdadeira literatura criativa ou imaginativa é sempre uma interpretação da vida tal qual se molda na mente do intérprete-autor, tal qual este a viu. É um lugar comum dizer que a experiência pessoal do autor é a base de toda a verdadeira literatura e que um grande livro deve a sua grandeza à grandeza da personalidade ou do temperamento que lhe deu vida. É aí que reside o realismo da literatura.

Literatura autêntica deve abrir-nos a *vida íntima* de, ao menos, uma outra pessoa, o próprio autor ou uma das personagens da sua criação ou imaginação; ela deve falar-nos das fontes e dos recursos do espírito humano que se revelam em forma de triunfos ou sucessos, perversidades ou complexidades, frustrações e realizações; ela deve ajudar-nos a sair da isolamento da 'ilha solitária' — uma tentação em que o homem pode vir a cair no mar da vida — e levar-nos a uma compreensão cheia de penetração de que todos os seres humanos têm, uns com os outros, pontos de aproximação, e partilham da condição de companheiros e sócios na aventura comum da vida (11).

Nesta dissertação limitamo-nos somente ao campo da literatura imaginativa ou criativa indo-portuguesa. Excluimos do seu âmbito a literatura jornalística, histórica, crítico-ensaística.

Como o termo indica, indo-português é quem, ou, o que combina em si elementos da Índia e de Portugal. O seu significado foi vagamente definido ou explicado pela primeira vez, em fins do século XIX, quando Sousa Viterbo usou-o para se re-

10 Hudson, W. H., *An Introduction to the Study of Literature*, George, Harrap & Co., 1963, pag. 10.

11 Andrews, Rex, *Literature and Human Values*, a paper presented to the 33rd World Education Fellowship International Conference, Bombay 1986-1987.
Mizener, Arthur, "What makes great books great", em *Readings for College English*, edit. Bushman Mathews, New York, pg. 417.

ferir “aos objectos feitos na Índia por artesãos indígenas, ou, em Portugal sob a influência indiana” (12). Um pouco depois, outro historiador português, Joaquim de Vasconcelos refundiu o significado do termo e abrangeu nele três tipos de obras de arte: as que foram fabricadas em Portugal por artesãos orientais imigrantes; as que foram fabricadas por artesãos portugueses residentes no Oriente; e, finalmente, obras de indústria autênticamente oriental feitas no oriente sob o patrocínio português (13)

Esta definição ou descrição do termo no contexto da arte ajuda-nos a elucidar o seu significado tal qual se aplica à literatura.

Antes de mais, há portugueses que escreveram sobre a Índia e a sua história, tais como João de Barros, Gaspar Correia, Ferrão Lopes de Castanheda, Brás de Albuquerque, Diogo do Couto. Em segundo lugar, há escritores etnicamente portugueses que, tendo estado na Índia, assimilaram a realidade misteriosa da Índia milenária e ficaram tão fascinados por ela que refiguraram essa realidade e a exprimiram criativamente na literatura. Tomás Ribeiro, Cristóvão Aires, Fernando Leal são alguns dos escritores nesta categoria. Nesta dissertação não nos propomos estudar as obras nem dos primeiros nem dos segundos.

Há uma terceira categoria. É a dos escritores etnicamente indianos de Goa que, tendo “imbuido a cultura ocidental, ficaram também influenciados pelo pensamento e atmosfera oriental” (14). Neles, particularmente nos poetas, “observa-se uma confluência mais ou menos harmónica de padrões europeus recebidos da metrópole e de motivos de inspiração local” (15). São as obras destes escritores que serão objecto do nosso estudo. Destarte, a expressão “literatura indo-portuguesa” refere-se à literatura goesa de expressão portuguesa. Por “goesa” queremos referir-nos a pessoas etnicamente indianas de Goa que tiveram domínio perfeito da língua portuguesa e trataram de temas goeses ou, de qualquer modo, indianos. Daí, este estudo não vai debruçar-se sobre tais obras como *Podem chamar-me Euridice* de

12 Viterbo, Sousa, *A exposição de Arte Ornamental*. Notas ao Catálogo, (1883) cit. em *Burlington Magazine*, Londres Vol XCVII (1955) pag. 386-88.

13 Vasconcelos, Joaquim de, *Exposição Distrital de Aveiro em 1882*, Aveiro (1883), pag. 12

14 Pope, Ethel, *India in Portuguese Literature*. Bastorá, pag. 289-290.

15 Prado Coelho, Jacinto do, ‘Prefácio’ a *Gesto Suspenso* de Judit Beatriz de Souza, Lisboa, 1962.

Orlando da Costa ou *Gesto Suspenso* de Judit Beatriz de Sousa e outras deste género que, embora escritas por autores ètnicamente indianos, têm uma temática que já não é goesa ou indiana.

Este estudo limita-se às obras literárias dos séculos XIX e XX. Foi só na segunda metade do século XIX, nomeadamente na década de sessenta, mais precisamente, em 1866 que foi publicada a primeira obra de vulto de literatura criativa indo-portuguesa. Referimo-nos ao romance *Os Brahâmanes* de Francisco Luís Gomes, embora não ambientado em Goa. Só depois da publicação deste, apareceriam os poetas, os contistas e os outros romancistas. Em Goa, até hoje, há pessoas — é pena que o seu número vai minguando — que cultivam a língua portuguesa e escrevem nela. Daí, abrangemos no âmbito da nossa pesquisa, as obras produzidas desde a década de sessenta do século passado até fins da década de sessenta deste século.

Temas principais

Os temas em qualquer literatura são evidentemente vários. Pode-se mesmo dizer que cada obra literária tem um tema distinto e característico. Entretanto, numa literatura como a indo-portuguesa que não é vasta mas que tem no seu repositório algumas obras significativas, há certos temas que saltam logo à vista. Um que outro é característico de uma certa obra. Por vezes um determinado motivo aparece em diferentes obras como variações de um tema básico.

Após uma leitura detalhada e completa das obras que, segundo a nossa intenção, ficavam dentro da área definida da nossa investigação, identificámos cinco temas que pudessem ser analisados à luz da história social de Goa, nomeadamente:

1) Francisco Luís Gomes: o bramanismo em conflito com o liberalismo.

Como se disse acima, o romance *Os Brahâmanes* de Francisco Luís Gomes é a primeira obra de vulto na literatura criativa indo-portuguesa. O goês cristianizado pelos portugueses é um indiano que olha para a transformação que a Cruz e as Quinas de Portugal operaram no seu meio social marcado por desigualdades estruturadas e vincadas na sociedade. De outro lado, a liberdade outorgada pela Carta Constitucional

de 1826 veio, ao encontro das aspirações do tempo. Daí, na mente do escritor indo-português devia surgir um conflito entre o liberalismo ensinado pelo Evangelho e pela Carta Constitucional, e, as forças adversas aos ideais da liberdade. Este belo conflito é retratado no romance “*Os Brahâmanes*”.

2) O Signo da Ira: O mundo dos batcarás e manducares.

A sociedade goesa foi constituída por duas classes: uma de proprietários da terra (batcarás) e a outra de operários rurais que viviam para o serviço dos primeiros (manducares). Este mundo feudal com as suas relações sociais típicas tinha de achar eco na literatura produzida, particularmente, por autores com preocupações sociais. Tais relações sociais estão de facto esboçadas em alguns poemas e contos e, de uma maneira excelente, no romance *O Signo da Ira* de Orlando da Costa.

3) A Índia-Mater (*Bharat-Mata*): a fascinação do seu mistério.

Na Índia, a filosofia, a religião e a mitologia constituem uma tradição viva. Elas são parte da vida e da sociedade dentro da qual elas brotaram. É nelas que reside o mistério e a fascinação da Índia. Donde, a nossa literatura contem um bom número de contos e poemas que reflectem as doutrinas filosóficas ou são hinos de louvor aos deuses mitológicos a às suas funções ou homenagens-retratos das grandes personalidades da história da Índia. Todos estes motivos, reflexos da alma da Índia misteriosa, estão agrupados neste capítulo.

4) A Bailadeira da Índia

Na sociedade indiana e na sociedade goesa em particular, houve uma mulher que foi um sinal de contradição: a bailadeira do templo hindu. Mulher que se vende, ela foi metamorfoseada pela imaginação romântica principalmente do poeta indo-português, num símbolo da beleza e graça feminina. O tema da bailadeira “parece ter exercido uma estranha fascinação sobre os poetas de Goa” (16)

16 Devi-Seabra, *op. cit.*, pg. 328.

5) A Terra e a Grei

A sociedade goesa está retratada principalmente em duas obras de ficção. A classe média cristã dos fins do século XIX e dos princípios do sec. XX, com as suas idiossincrasias e “recônditas fraquezas” (17), aparece na novela *Jacob e Dulce* de Gip, pseudónimo de Francisco João da Costa.

No romance *Bodki* de Agostinho Fernandes encontra-se um quadro, mais ou menos integral, da sociedade rural hindu com as suas superstições e crenças, preconceitos religiosos, usanças e costumes.

Metodologia

A metodologia seguida é indicada no subtítulo: *um estudo de temas principais no contexto sócio-histórico*.

Todos estes cinco temas são abordados pelo método sócio-histórico. Este método defendido por tais críticos literários como Hernâni Cidade (18), A. Vale entre os portugueses, Humphry House, F. W. Bateson, John F. Danby, Thomas Warton entre os ingleses (19), parte da premissa de que “o artista é filho da sociedade em que vive” (20). A este propósito, é bem conhecida a frase que nos chega de De Bonald, a saber, “a literatura é uma expressão da sociedade” (21), ou essoutra, “a literatura aparece somente num contexto social como parte de uma cultura num meio” (22) que tem as suas origens na tríade de *race, milieu, moment* de Taine. Daí, “só pode compreender as obras de arte uma crítica que estabeleça as suas ligações com a realidade social no seio da qual foi concebida e realizada” (23)

17 *Ibidem* pag. 203.

18 Cidade, Hernâni, “Condicionalismo Político e Social da Literatura no Século XIX” em *História da Literatura Portuguesa ilustrada dos Séculos XIX e XX*, publicada sob a direcção de A. Forjaz Sampaio, Porto 1942.

19 Humphry House, *The Dickens World*; F. H. Bateson, *English Poetry; a Critical Introduction*; John F. Danby, *Poets on Fortune's Hill* citados por David Daiches, *Critical Approaches to Literature*, Longmans, Green & Co. Ltd., London, 1963, pag. 365-373.

20 A Vale, “Cinco Notas sobre forma e conteúdo” em *Vértice* pag. 474 cit. por Carlos Reis, *O Discurso ideológico do Neo-Realismo Português*, pag. 64.

21 René Wellek e Austin Warren, *Theory of Literature* pag. 100

22 *Ibidem*

23 A. Vale, *op. cit.*

As ligações da obra da arte com a realidade social podem ser vistas sob três perspectivas: as ligações do autor, com referência à base económica da produção literária, à proveniência e ao estatuto social do autor e sua ideologia social; as ligações do conteúdo social, as implicações e a finalidade social das próprias obras literárias; e, finalmente, as ligações da audiência, isto é, a influência social que a literatura efectivamente exerce sobre a sociedade

Nesta dissertação seguiremos o método sócio-histórico na segunda óptica acima descrita, i. é, estudaremos o conteúdo social. De facto, a maneira mais comum de abordar as relações entre as obras literárias e a sociedade é estudar “as obras de literatura como documentos sociais, como retratos colhidos da realidade social” (24). Desta forma, a literatura criativa ou imaginativa de um país ou de uma região pode ser de grande utilidade para um estudo sócio-histórico desse mesmo país ou região, i. é, para se obter um bosquejo ou esboço da sua história social, ou do mundo — do amor, do casamento, do negócio, das profissões, das personagens santas, dos vilões — das obras literárias analisadas.

Porém, tais estudos serão de pouco valor, se a óptica fôr a de considerar a literatura apenas como um espelho da vida, uma sua reprodução e, destarte, evidentemente, como um documento social. Donde, torna-se necessário ter em conta um outro elemento: o método artístico do poeta ou do romancista estudado.

Para o objectivo que nos propomos, tentaremos, antes de mais, esboçar o enquadramento histórico-social de um determinado tema. À luz deste contexto social, procuraremos passar um juízo crítico sobre o método artístico do poeta ou romancista. Procuraremos, por exemplo, dizer se uma composição literária é uma sátira ou uma caricatura ou uma idealização romântica.

Anteporemos ao estudo dos cinco temas acima referidos, um capítulo sobre as condições histórico-sociais de Goa, referentes ao período que vai da década de setenta do século XIX até mais ou menos aos nossos dias. Neste capítulo focaremos, de uma maneira geral e simples, a ligação entre os poetas e os romancistas indo-portugueses e

os tempos em que eles escreveram, as suas aspirações estéticas, possíveis influências filosóficas, o ambiente em que eles viveram e a sociedade para a qual eles escreveram.

A selecção das composições literárias obedece a um só critério: o seu valor estético em nosso juízo, bem como no dos historiadores da literatura indo-portuguesa. Tudo quanto foi sentido e apontado como produção esteticamente boa e de valor, foi escolhido para a análise do nosso estudo.

Esperamos que este nosso estudo contribua para uma redescoberta literária de algumas jóias da literatura indo-portuguesa e, para a tomada de uma nova consciência da grandeza dos vultos que adornam a história deste nosso estado de Goa. Esperamos deitar alguma luz sobre um capítulo glorioso da história social de Goa — o período que vai de meados do século XIX até os nossos dias.

A literatura indo-portuguesa, além do seu valor estético, tem o seu valor indológico porquanto, no seu repositório acham-se composições originais em português que reflectem a alma e o mistério da Índia milenária. Todo o estudioso português achará na literatura indo-portuguesa uma ilustração esboçada pela imaginação criativa do goês, dessa mesma alma e mistério da Índia -- das suas lendas, da sua filosofia, dos seus mitos — e, conseqüentemente, um instrumento valioso, um reforço na sua própria língua, para investigações ulteriores no campo da indologia. Assim, esperamos que este nosso estudo venha a ser uma achega para a indologia em língua portuguesa e, como um resultado disto, estreitar as relações cinco vezes centenárias entre a Índia milenária e Portugal que descobriu essa mesma Índia para o mundo moderno.